



DIA DAS MÃES E DIA DOS PAIS: GÊNERO E FAMÍLIA NA ESCOLA

Cláudia Denis Alves da Paz¹

Este artigo se propõe a discutir as relações de gênero no trabalho pedagógico em uma escola de Educação Infantil, em Brasília, Distrito Federal, focando aqui, mais especificamente as festas realizadas para comemorar o Dia das Mães e o Dia dos Pais. Para atingir o objetivo e colhermos os dados, utilizamos abordagem de investigação qualitativa, na perspectiva etnográfica, o que possibilitou a interação com os sujeitos em seu cotidiano de forma natural, sem interferir em suas rotinas. Os dados foram levantados por meio de observação participante, notas de campo e grupo de discussão, durante o ano de 2008, para uma pesquisa de mestrado.

A sociedade brasileira, durante o século XIX, passou por transformações que contribuíram para a consolidação do capitalismo, a urbanização e a ascensão da burguesia. A família burguesa que se desenvolveu no processo histórico brasileiro tinha como características o modelo nuclear, a valorização da maternidade e do cuidado com a família. Nesta configuração, “um sólido ambiente familiar, o lar acolhedor, filhos educados e esposa dedicada ao marido, às crianças e desobrigada de qualquer trabalho produtivo representavam o ideal de retidão e probidade, um tesouro social imprescindível” (D’Incão, 2006, p. 223). No século XX, a imagem da família era do casal e os filhos/as que moravam na mesma casa, com o marido visto como provedor. Esse contexto começou a sofrer alterações a partir de 1980. A crise econômica mundial da época levou as famílias a reduzirem o número de filhos. Simultaneamente, aumentaram as famílias monoparentais e reconstituídas e as mulheres passaram a ter maior participação no mercado de trabalho.

Apesar das mudanças ocorridas na vida social e familiar brasileira, a escola ainda reproduz o modelo citado por D’Incão, desconsiderando a mulher que trabalha fora do lar, as famílias monoparentais e reconstituídas, mais ainda, ignorando as famílias homossexuais.

Algumas atividades organizadas pela equipe da escola mostraram a maneira como as questões de gênero² são compreendidas pelas profissionais de educação que nela atuam. Elas estão incorporadas, naturalizadas e, tratadas como prontas e fixas, sem problematizá-las política e

¹ Doutoranda em Educação – Universidade de Brasília – claudiadenis@terra.com.br

² Gênero é uma construção que se dá durante toda a vida, isso acontece em diferentes instituições e práticas sociais que constituem os sujeitos como homens e mulheres em um processo que não tem fim, nem se completa. Os sujeitos se fazem homens e mulheres continuamente, de maneira dinâmica, aprendida nas diferentes instituições sociais que expressam as relações sociais de gênero, ou seja, são generificadas. A escola é uma dessas instituições que tem transmitido e reproduzido, por meio de suas práticas sociais, valores e comportamentos, considerados adequados, formando sujeitos masculinos e femininos.



socialmente. As festas, que nem sempre são discutidas, apenas ensaiadas, trazem as marcas sociais de gênero.

Para evidenciar essas marcas generificadas destacamos neste artigo as festas das mães e dos pais na escola pesquisada. No Distrito Federal, algumas escolas deixaram de comemorar separadamente estas festas, que muitas vezes constroem e desestimulam quem não se encaixa em um determinado modelo de família. Podemos considerar que essas escolas avançaram, no sentido de promover uma comemoração chamada Festa da Família, na qual são homenageados/as os/as membros que fazem parte da família das crianças e representam seus papéis, independente do grau de parentesco consanguíneo ou não que tenham com a criança. Para justificar essa festa, o argumento utilizado é que existem diferentes tipos de família e que as crianças que possuem famílias com organizações diversas poderiam se sentir discriminadas. Mesmo a festa da família que, em princípio nos parece interessante, tem necessidade de reflexão sobre gênero.

A família diferente, para as professoras, mantém a forma tradicional: pai-mãe-filhos. A diferença é que essas pessoas podem não morar juntos. É aquela em que os pais são separados/divorciados, a criança só conhece pai ou mãe, mora com a avó, com tios/as, ou ainda, a criança é adotada. Em qualquer uma das hipóteses, a referência é a família nuclear com mãe e/ou pai e filho/a.

Em sala de aula, dias antes da realização da festa das mães, a professora Ana³ conversa com as crianças da turma de seis anos, na rodinha. Ela informa que cada turma da escola apresentará uma música em homenagem ao dia das mães e que esta turma encenará também uma peça. Solicita que as crianças tragam alguns brinquedos para compor a cena da peça. Informa que as meninas farão o papel da mãe, dona de casa, o que nos parece, uma incoerência, pois a maioria das crianças possui mães que também exercem atividades profissionais fora de casa. A conversa entre a professora e as crianças evidencia as concepções de gênero da docente:

Ana) nós vamos apresentar uma peça sobre as mães. Acho que vai dar para todos da turma participarem, são mais ou menos doze meninas que vão fazer o papel da mamãe, dona-de-casa, vão colocar um aventalzinho, um lenço na cabeça. Deixa eu perguntar uma coisa: quem tem uma boneca daquele tipo meu bebê? Aquele que é um boneco grande?

cf) tia eu tenho ((várias meninas respondem que têm))

Ana) quem aqui tem aquele carrinho de boneca?

cfs) eu ((várias meninas respondem que têm))

.....

Ana) agora os meninos... Quem aqui tem carro de bombeiro?

cm) eu? ((vários respondem))

³ Nas transcrições do grupo de discussão e das observações, utilizaram-se nomes fictícios para as professoras (Mara, Sara e Ana), para diretora (Rose) da escola, além das crianças. Os/as estudantes foram identificados como crianças, com as letras de acordo com o sexo, criança, feminino (cf) e criança, masculino (cm).



Ana) Avião ou helicóptero alguém tem?

cm1) eu não

cm2) eu tenho helicóptero

cm3) eu tenho avião

.....
Ana) Então, as bonecas serão as filhinas. Nós vamos precisar do carro de bombeiro, de avião, de helicóptero, de carrinho de boneca. Sabe aquelas capas de passar roupa? Quem tem das meninas? Na pecinha vamos ter que montar uma casa ((várias crianças falando ao mesmo tempo de forma que não dá pra entender as palavras pronunciadas))

(Transcrição - Dia 08 de maio)

No trabalho pedagógico, o processo de organização da festa traduz a concepção fixa e binária de gênero que é reproduzida, reafirmada e assimilada pelas crianças. Esse é um discurso naturalista que separa homens e mulheres com qualidades e aptidões particulares. Os homens são representados como cérebro, inteligência, razão lúcida, atividade; as mulheres são o coração, a sensibilidade, os sentimentos, a passividade. As oposições binárias sustentam uma hierarquia, um valor que é traduzido pela subordinação de um dos termos da oposição binária ao outro. A idéia é que a escola possa discutir a oposição binária e de identidade que estão contidas nessa concepção, e não reproduzi-la, utilizando a desconstrução para denunciar, desfazer e problematizar as hierarquias.

A professora apresenta uma identidade da mulher-mãe aceita e pronta socialmente, ao reforçar objetos, lugares, cores e ao solicitar das crianças determinados objetos. Ela revela nessa ação cotidiana (ensaiar uma peça) a maneira de inserir o gênero no seu trabalho. A peça que pretendia homenagear as mães limitou-se a pensar nas mães donas-de-casa, uma mãe que cuida das crianças (bebês), que cozinha, limpa e passa roupa. Essa representação se reporta, segundo Engels (2002, p.67/8), “À primeira divisão do trabalho que ... se fez entre o homem e a mulher para a procriação dos filhos”⁴.

A visão de mãe foi ligada ao espaço privado, mesmo sabendo que muitas delas trabalham fora de casa. A homenagem feita às mães esqueceu que elas são mães-mulheres-trabalhadoras. Na própria escola existem várias mães que são trabalhadoras, entre elas, duas das três professoras que atuavam no turno vespertino, além da diretora, da vice-diretora e das auxiliares de educação.

A problematização das identidades de mãe/trabalhadora não ocorreu, pois estas e outras mães também são trabalhadoras. O modelo de mãe homenageada estava ligado apenas ao modelo privado, do lar. As mães das crianças da escola, apesar de possuírem diversas identidades, tiveram reforçada uma única, no momento da festa, a de mãe/dona-de-casa. Hall (2005) critica o conceito de

⁴ “A divisão do trabalho é absolutamente espontânea: só existe entre os dois sexos. O homem vai à guerra, incumbe-se da caça e da pesca, procura as matérias-primas para a alimentação, produz os alimentos necessários para a consecução dos seus fins. A mulher cuida da casa, prepara a comida e confecciona as roupas: cozinha, fia e cose. Cada um manda em seu domínio: o homem na floresta, a mulher em casa.” (Engels, 2002, p.166)



identidade marcadamente fixa, unificada e estável, ao dizer que o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Ele ainda diz que o sentimento de identidade unificada desde o nascimento é construído, e podemos perceber a influência da escola nesta construção.

O tema festa foi explorado durante um grupo de discussão realizado com as professoras da escola. Foi solicitado que elas falassem sobre as festas que comemoraram o dia das mães e dos pais. As festas foram organizadas de maneira diferente, em horários diferentes. A festa do dia das mães foi realizada nos dois turnos. Para as mães do turno matutino foi servido um café da manhã e para as mães do turno vespertino foi servido um chá da tarde.

A comemoração para o dia dos pais foi realizada com um almoço, unindo pais e alunos/as dos dois turnos. De acordo com a diretora, em conversa informal, o motivo de fazer o almoço - utilizar o período entre doze e quatorze horas era porque *a maioria dos pais teria direito no trabalho* - e juntar os dois turnos uma vez que *os pais têm menos tempo*, ou seja, precisam trabalhar e seria um motivo para unir pais e filhos/as, que muitas vezes não almoçam juntos durante a semana. Na abertura da festa/almoço, a diretora disse que aquele seria um momento breve, que entendia a necessidade dos pais voltarem ao trabalho.

Rose) esse momento pai, a você dedicado ... breve, né? Prometemos ser breves. Eu tenho dito, então ... nem por isso seremos menos calorosos ou menos amorosos, ou menos apressados ou mais apressados... Sei que cada um tem seu ritmo, cada um tem as suas necessidades e vamos procurar ser o mais breve sim, considerando a necessidade daqueles que têm urgência em voltar ao trabalho.

(Transcrição – Dia 10 de agosto)

Na fala inicial da diretora fica clara a visão do pai-homem provedor, que não tem *tempo a perder*, nem mesmo com uma homenagem feita para ele. A escola modificou o horário para que a homenagem fosse feita, adaptou-se ao que seria *melhor* para os pais. Na avaliação das professoras, foi dada muita ênfase à festa das mães, por ter sido, segundo elas, mais elaborada. Em ambas as festas, as crianças de todas as turmas apresentaram uma música. Todavia, somente na festa das mães, uma das turmas encenou uma peça, talvez porque nessa festa o tempo reservado fosse maior.

No grupo de discussão, as professoras disseram:

Ana) Eu acho que deram [a direção] importância maior às mães. Café da manhã, mesa bem caprichada, com várias coisas, né? À tarde um chá. Eu achei que a festa da mãe teve importância maior. Não sei... acho que a mãe é mais importante... pensam assim! Para os pais foi um almoço porque seria uma coisa mais fácil, mais simples, eu achei a valorização da mãe maior.

Sara) Eu achei a festa dos pais mais gostosa!

Mara) Eu não fui na [festa]da mãe

Ana) Pois é, a da mãe foi aquela coisa muito séria, muito mais formal

Sara) É isso!

Ana) A do pai já foi aquela coisa mais descontraída.

Sara) Acho que por isso que eu gostei mais da festa dos pais.

[...]

Sara) Foi mais simples, mas eu acho que eles até aproveitaram bastante com as crianças naquele momento.



Sara) Eu acho que a festa da mãe foi mais elaborada sim, mas eu achei a festa dos pais mais tranqüila, mais gostosa, com menos rigidez.

Ana) Menos formal.

Sara) Menos formalidade, uma coisa mais light...

As professoras, ao que parece, centraram suas críticas e elogios na aparência das festas. De acordo com Kosik (2002, p. 16/17):

A realidade é a unidade do fenômeno e da essência. Por isso a essência pode ser tão irreal quanto o fenômeno, e o fenômeno tanto quanto a essência, [...] O fenômeno não é, portanto, outra coisa senão aquilo que – diferentemente da essência oculta – se manifesta imediatamente, primeiro e com maior freqüência. [...] Como a essência – ao contrário dos fenômenos – não se manifesta diretamente, e desde que o fundamento oculto das coisas deve ser descoberto mediante uma atividade peculiar, tem de existir a ciência e a filosofia.

Com base nas leituras e estudos, procuramos desvelar a realidade das festas, indo além da aparência destas, com o entendimento que não há fenômenos independentes. Sem negar a objetividade dos fenômenos, seu aspecto imediato contribui para reconhecer a dupla face que os constituem: o mundo da aparência e o mundo real. Aparência externa do fenômeno e a lei do fenômeno, o movimento visível e o movimento real interno, fenômeno e essência, juntos e integrados.

A festa das mães foi mais formal, mais elaborada, mais trabalhosa para organizar, com variedade de comida, talvez tivesse seu custo mais elevado, mas isso não significa que foi dada a ela maior importância. Prevê-se que a mãe tem tempo para estar na escola. Apesar de que ela também é alguém que, na maioria dos casos, trabalha dentro e fora de casa, os homens (pais) são considerados (únicos) provedores, ocupados, com tempo cronometrado, estipulado e controlado. As mães têm a obrigação de participar de uma festa preparada para elas, e nelas o que é valorizado, em sua identidade fixa, é ser mãe, do lar, do privado.

Em seguida, as professoras comentaram sobre as apresentações que as crianças fizeram durante as festas, em homenagem às mães, e aos pais, e sobre os motivos da escolha do horário de cada festa.

Ana) A festa dos pais teve só a música, não teve peça, só foi uma música e o almoço

Sara) É o almoço, porque aquela questão de os pais... preferiu [a direção] fazer na hora do almoço pela questão do trabalho, do tempo dos pais e tal. Porque a gente sabe que mãe se vira em dez para ir em festas na escola dos filhos.

Ana) E muitas não trabalham fora

Mara) É.

Ana) É, os pais é muito difícil pai não trabalhar... Então, o horário de almoço eles [a direção] chegaram à conclusão que seria melhor. Todo ano é feito assim, no horário de almoço porque os pais comparecem.

Sara) É! Existe uma questão, por exemplo: eu acho que é mais fácil para uma mulher conseguir uma dispensa no trabalho do que para o homem. Infelizmente tem isso.

Ana) Tem isso mesmo! Sabia que a mãe é que tem que estar atrás do filho na escola?

Sara) É!

Ana) O pai se for... Vão dizer que ele está querendo sair do trabalho mais cedo, que está querendo dar uma desculpa... A não ser que seja um pai que cuide sozinho dos filhos. O chefe vai dizer: por que você tem que ir? Sua mulher vai na escola.

[...]



Ana) Pois é, na festa do dia dos pais se a festa fosse à tarde igual fez com as mães eu não sei se teria a mesma quantidade de pais.

Sara) Os pais, eu acho que não fazem o mesmo esforço. Igual eu estava falando da mulher. Ela faz das tripas coração, ela tem que ir, né? Usa o direito de comparecer, né? Não sei o que o homem pensa...ele diz: eu não vou, estou atolado de coisas, acho que não vai dá... que não sei quê.

Essa preocupação da escola com os pais, a adequação do horário, ao tempo que eles poderiam ficar disponíveis para participar de uma festa em homenagem a eles – horário do almoço. A mãe tem tempo e, se não tiver, ela arruma, organiza e re-organiza seu tempo.

De um lado, o masculino, cujos genitais, físicos ou metafóricos, assinalam-se um *locus* de poder e de autoridade enquanto sujeito universal: o homem, sinônimo do humano, sujeito dotado de transcendência. De outro, o feminino, o Outro inevitável e necessário, marcado pela imanência de um corpo-destino realizado na maternidade e na heterossexualidade. (Swain, 2000, p. 57)

Segundo as professoras é mais adequado para uma mãe sair do trabalho para ir à escola do/a filho/a. A identidade de gênero feminino parece ser cristalizada no modelo materno, associado aos cuidados da casa e dos filhos/as, pois seu principal papel é ser mãe. Ela pode deixar seu trabalho – seja qual for – e passar parte da manhã ou da tarde participando de uma festa organizada para homenageá-la. As professoras parecem acreditar que para a mãe ir à festa é uma obrigação. Uma das professoras disse que ‘*muitas [mães] não trabalham fora*’, mas não foi realizado levantamento para que fosse feita tal afirmação. Já a presença dos pais no meio da manhã ou da tarde na escola atrapalharia o seu trabalho. O homem/pai provedor não pode deixar seu trabalho para ir à festa na escola de seu/sua filho/a. Vale ressaltar que não se cogita a possibilidade de um dos pais estarem desempregados.

De acordo com a fala das professoras, a própria sociedade acha estranho que o homem saia de seu trabalho para ir à escola do/a filho/a. Pode-se achar que ele quer sair mais cedo e está apenas usando o fato como desculpa. De fato, há uma cultura patriarcal impregnada e alimentada pela tradição social, política e religiosa fixas sobre o que homem/pai e mulher/mãe devem/podem fazer, que caberia à escola problematizar, discutir e desconstruir. Unbehaum (2000, p. 14) esclarece que:

na cultura brasileira, os termos maternidade e paternidade designam muito mais do que mera capacidade biológica de gerar; significam também responsabilidade social, responsabilidade que apresenta uma conotação distinta conforme o gênero: a mãe, podendo ser biológica ou não, é responsável pelo bom desenvolvimento da criança, pela sua educação, alimentação, saúde; e o pai é visto como responsável por prover as necessidades materiais da família, sendo seu condutor moral.

As professoras, em suas falas, criticaram o comportamento que as mães apresentaram quando estiveram juntas na escola, ao contrário dos pais, que segundo elas, foram mais educados. Contudo, pode-se dizer que a escola não era o lugar daqueles homens. Os pais, em sua maioria, se sentiram deslocados, por isso sentavam, levantavam e obedeciam ao que lhes era solicitado, por não frequentarem este local muitas vezes durante o ano. Já as mães, em grande parte, são as pessoas mais presentes na escola. A maioria delas levam seus/suas filhos/as, participam de reuniões e são contactadas quando há algum problema. Dessa forma, elas se conhecem, por isso conversaram e se



confraternizaram. As professoras, ao falarem sobre o que acharam de diferente entre o público das duas festas disseram:

Sara) Venhamos e convenhamos... a mulher, ela...Eu não sei, eu notei que na festa das mães avançava todo mundo na mesa...

Ana) A falta de educação era maior...

Sara) É, as mulheres parecem que... Infelizmente, as mulheres são mais mal educadas.

Mara) (Sorriso) Isso aí eu vou ter que falar⁵

Sara) E a mulher fala demais! Então é aquela barulheira 'brurururu'... a diretora querendo falar e ninguém ficava quieto e aquela coisa, aquela falação e na hora de tirar foto avança todo mundo em cima do menino para tirar foto. Sabe, é um 'auê' e eu acho que até pela maneira mais tradicional, pois a direção deu mais importância para a festa das mães, então ela exigiu uma coisa mais, né?

Ana) Mais sofisticada.

Sara) É! Quanto ao público, eu acho que foi essa diferença... os pais, eles são mais tranquilos, eles compareceram, vieram muitos pais.

Ana) Mas foi algo mais simples.

Esse comentário, feito pelas professoras, já havia surgido em outros momentos, de maneira informal, desde o dia da festa, por elas e por outras pessoas da escola. A questão é que à mulher são atribuídas características naturais como ser apaixonada, sentimental, isso leva as mães a conversarem muito, a ponto de atrapalhar quando a diretora, uma autoridade, queria falar com o público da festa.

Os pais pareceram ser mais tranquilos, tanto para ouvir a palavra inicial da diretora, quanto na hora em que o almoço foi servido⁶, porque a eles é atribuída a característica de ser mais racional. Eles atenderam à ordem de entrar na fila, de acordo com a cor da sala de seu/sua filho/a para ser servido, depois aguardaram o suco e a sobremesa sentados à mesa. Sendo assim, os pais podem ficar sentados, quietos, serem mais tranquilos, algo possível para os homens por serem *mais controlados*. As professoras não consideraram, em seus argumentos para o comportamento dos pais, o fato deles, em geral, serem menos íntimos do ambiente escolar, por não transitarem muito no ambiente e, talvez por isso, tenham ficado mais quietos, menos à vontade que as mães.

Outro ponto diferente em relação às mães/mulheres é que elas falam demais, essa é uma característica considerada feminina: falar demais, de acordo com uma visão natural, binária, fixa. Esses são atributos considerados naturais de cada sexo, desconsiderando o caráter socialmente construído do gênero, Grossi (1999, p. 254) mostra uma lista de atributos considerados naturais das mulheres, que são reconhecidos, fazem parte do senso comum e são reafirmados como verdadeiros, conforme vimos na entrevista das professoras:

As mulheres são irracionais e ilógicas, não têm espírito crítico, são curiosas e indiscretas, faladoras e incapazes de guardar segredo, gostam da rotina, são pouco criativas intelectualmente, medrosas, incapazes de dominar suas paixões, incoerentes, histéricas, frágeis, da casa, doces, emotivas, incapazes de decidir, fogem à responsabilidades, etc.

⁵ A Professora Mara não estava presente na festa do Dia das Mães.

⁶ Chá da tarde (mesa com várias opções para que as próprias mães se servissem); Almoço dos Pais (prato único: Galinhada, servido pelas professoras que se dividiram em quatro grupos, de acordo com a cor das salas/turno).



Percebemos, a partir da análise das festas realizadas em homenagem às mães e aos pais das crianças da escola de educação infantil que as questões de gênero estão presentes no trabalho pedagógico desde a concepção da festa até sua realização. Essas questões, constituintes das identidades de gênero das crianças, aparecem nas rotinas e nas festas, em especial, nos objetos escolhidos, gestos, tipos de apresentação, lugares dos pais e das mães nas festas, rituais de acolhimento; posturas durante a festa, horários escolhidos, peça, música, linguagens, escolha e confecção dos presentes.

Por meio desse trabalho pedagógico, são instituídas as identidades de gênero, embora quem contribua para essa instituição estruturante pouco compreenda sobre o quê e como isso se processa. Talvez, a falta de reflexão crítica, por parte das profissionais de educação envolvidas, sobre as questões de gênero, seja fruto da formação inicial e continuada deficiente nesta área⁷, pois estão reproduzindo as identidades de gênero fixas nas atitudes, ações e comportamentos, por meio de diferentes atividades, além da organização das comemorações que são realizadas na escola, sem que sobre isso desenvolvam reflexões.

Em nossa análise percebemos elementos que indicam uma concepção fixa de gênero e de um modelo tradicional de família, que foi reproduzido e reafirmado. Esse estudo nos revelou que as profissionais da educação desconsideram a influência de suas práticas na construção das identidades de gênero das crianças e que as crianças, na escola, são expostas a modelos de identidades fixas de masculinidade, feminilidade e família.

Bibliografia

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

ENGELS, Friedrich. A origem da família, da propriedade privada e do Estado. Trad. Ruth M. Klaus. São Paulo: Centauro, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

⁷ A articulação entre gênero, educação infantil, trabalho pedagógico e formação (inicial e continuada) das profissionais de educação ainda representam um desafio a ser superado. Com relação à formação dos/as profissionais de educação, o currículo dos cursos de Pedagogia das universidades⁷, até o ano de 2007, apresenta poucas disciplinas que contemplem as questões de gênero. Muitas vezes, a discussão ocorre porque existe trabalho individual de algum/a professor/a que tenha interesse ou pesquisa na área, diferente das universidades onde existem linhas consolidadas de pesquisa sobre gênero, incluindo a área de educação. O que se espera, de acordo com o Plano Nacional de Educação – PNE/2001⁷ e com o Plano Nacional de Políticas para as Mulheres/2007, é que a temática seja incluída nos currículos da Educação Superior.



KOSIK, Karel (1976). **Dialética do concreto**. Trad. Célia Neves e Alderico Toríbio, 2ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 230p.

SWAIN, Tânia Navarro. *A invenção do corpo feminino...* In: SWAIN, Tânia Navarro. (org.). **Feminismos: Teorias e perspectivas. Textos de História**. Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB, Vol. 8, nº 1/2, Brasília, 2000.

UNBEHAUM. Sandra G. **Experiência masculina da paternidade nos anos 1990**: estudo de relações de gênero com homens de camadas médias. 2000. 217f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade de São Paulo. São